

Três Anos Sem Ulysses Guimarães

Permitam-me que sejam as minhas primeiras palavras destinadas a explicar a motivação que me levou a requerer a realização deste Grande Expediente para homenagear Ulysses Silveira Guimarães. A iniciativa não foi apenas para cumprir o ritual protocolar de reverenciar a memória de um dos maiores homens públicos da história contemporânea do nosso País e que soube, como ninguém, dignificar a atividade parlamentar.

Não me desejo fixar simplesmente no desenrolar de um rosário de adjetivos para enaltecer a figura do Dr. Ulysses por duas razões: porque este espaço é muito curto e porque as palavras de nossa língua não são ainda suficientemente ricas - até para os mais letrados - para expressar uma conceituação adequada do que foi Ulysses Guimarães.

Motivou-me, isto sim, a proposta de um instante para uma reflexão no sentido de tentar encontrar respostas para as inquietações, minhas individuais e de minha geração. Inquietações provocadas pelas injustiças que se tomaram marca registrada em nosso País e pela incapacidade de nossa democracia e resolvê-las. Se temos hoje democracia e liberdade, ninguém, nenhum historiador poderá deixar de reconhecer a extraordinária participação do Dr. Ulysses neste processo.

Acredito que poderemos encontrar respostas na análise da vida e obra de Ulysses Guimarães, com a indicação dos caminhos a seguir, para que nós jovens, homens públicos ou não, entendamos a melhor forma de contribuir para que nosso País tenha desenvolvimento com justiça social.

Seria mais fácil assimilar os ensinamentos do Dr. Ulysses se ele estivesse vivo e tivesse comemorado, no último dia 6, 79 anos. Mas a sua luz extinguiu-se do nosso convívio, tragicamente, em 12 de outubro de 1992, ao lado de sua alma gêmea, Dona Mora. Essa situação faz aumentar a responsabilidade na compreensão da abrangência de suas idéias, da genialidade de sua onipresença e da capacidade de diálogo na vida política brasileira desde que se elegeu deputado estadual, em 1947, em São Paulo, saindo de sua Rio Claro.

O manancial de idéias que o forjaram e que vai eternizar sua obra deve ser uma inspiração permanente para a luta contra as injustiças e para a consolidação das liberdades.

Ulysses não foi um político atrelado ao fisiologismo e às políticas malfadadas que serviram e servem para distorcer o sagrado ensinamento de São Francisco de Assis: "é dando que se recebe". Posturas que servem para denegrir, pela injusta generalização, a classe política e os parlamentares. Ele foi o político não preocupado com a próxima eleição, mas com as próximas gerações. Perfil de estadista, sendo oportuno, portanto, lembrar uma citação sua que resume seu pensamento: "A estátua dos estadistas não é forjada pelo varejo da rotina ou pela fisiologia do cotidiano."

Foi, acima de tudo, um político fiel a seus ideais.

Exatamente, por isso teve a coragem de lançar-se, em 1973, a uma cruzada como anticandidato à Presidência da República, num jogo sabidamente destinado, pela via indireta, à manutenção do regime autoritário. Mesmo assim, quixotesicamente,

percorreu o Brasil para denunciar a tentativa de perpetuação no poder, de um sistema calcado no arbítrio e na prepotência e, por via de conseqüência, provocar a consolidação do MDB, "antes um 'front' do que um partido", na defesa da redemocratização.

Em 21 de setembro de 1973, Ulysses Guimarães, numa das mais belas páginas da história política brasileira, fez este discurso ao aceitar sua candidatura:

Senhores Convencionais:

A caravela vai partir. As velas estão pandas de sonho, aladas de esperanças. O ideal está ao leme, e o desconhecido se desata à frente.

No cais alvoroçado, nossos opositores como o velho do Restelo de todas as epopéias, com sua voz de Cassandra e seu olhar derrotista, sussurram as excelências do imobilismo e a invencibilidade do "establishment". Conjuram que é hora de ficar e não de aventurar. Mas no episódio, nossa carta de marear não é de Camões e sim de Fernando Pessoa ao recordar o brado. Navegar é preciso. Viver, não é preciso!

Posto hoje no alto da Gávea, espero em Deus que em breve possa gritar ao povo brasileiro: Alvissaras, meu Capitão. Terra à vista! Sem sombra, medo e pesadelo, à vista a terra limpa e abençoada da liberdade!"

Sr. Presidente, Srs. Deputados, seguindo sua pregação de liberdade, foi um dos principais líderes do memorável "Diretas já". Movimento jamais visto em nosso País, com milhares de pessoas nas ruas, bradando por liberdade, o que lhe valeu o título de "Senhor Diretas".

Ulysses Guimarães mostrou grande faro para evitar crises políticas e institucionais. Foi assim, em 1961, quando apoiou a aprovação da Emenda Constitucional número 4, que instituiu parlamentarismo e permitiu a posse de João Goulart na Presidência da República, depois da renúncia de Jânio Quadros.

Com Tancredo Neves como Primeiro Ministro, Ulysses Guimarães assumiu o Ministério da Indústria e Comércio e em poucos meses, enquanto durou o Gabinete, realizou diversas iniciativas na área de comércio exterior.

Depois veio o Golpe Militar de 64 e começaram os atos institucionais. E a liderança oposicionista de Ulysses passou a se destacar no combate daqueles Atos Institucionais. Ele não poupou críticas a esse instrumento próprio dos regimes antidemocráticos, porque suprimia liberdades e sufocava o pensamento oposicionista, com toda a forma de censura aos meios de comunicação.

Desde este período ninguém como Ulysses encamou o símbolo oposicionista, pois ele partiu para o trabalho de denúncia, de conscientização e de alerta à Nação, sobre os perigos da falta de democracia. Participou ativamente dos principais momentos históricos, como em 1966 com a extinção do pluripartidarismo e a criação do MDB e da ARENA; e em dezembro de 1968, com a edição do Ato Institucional nº 5.

Em fevereiro, de 1971, passou a presidir o MDB e em 1974, muito graças à pregação de Ulysses, o partido tem expressivas vitórias eleitorais, como aqui no Estado, elegendo Senador, Paulo Brossard de Souza Pinto, que se destacou no Congresso, no Ministério da Justiça e no Supremo Tribunal Federal.

Foi, também, Ulysses quem iniciou nesta época as pregações para a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte e pela anistia. Já a proposta de extinção do MDB foi rechaçada por Ulysses. Embora reconhecendo que a legenda fora criada por um ato de arbítrio ele soube defender sua permanência com o argumento de que o governo apenas pretendia dividir a oposição e que o MDB tinha se legitimado nas urnas.

Não conseguiu sucesso aparentemente. Seu sucesso veio com a consolidação do PMDB que, mesmo navegando por águas turvas, ainda é um dos mais importantes partidos políticos do País, que sente a falta de seu idealizador e condutor.

Na sua postura "apostolar" transformou palanques e coretos em locais de pregação, transformando-se, como definiu um dos seus mais fiéis seguidores, o Senador Pedro Simon, em profeta: "Dos algozes que ocupavam o poder, exigia respeito. Aos adversários de idéias, advertia. Aos companheiros de luta, conclamava e estimulava. E ao povo impelia sempre para frente, rumo às conquistas indispensáveis à cidadania."

E exatamente por respeito à Pátria ele ousou renunciar ao que é de mais sagrado ao homem: seu sonho.

Ulysses nunca escondeu seu maior sonho de governar o Brasil. Com a redemocratização, embora candidato natural à Presidência da República, entendeu que ainda não era sua vez e declinou da candidatura em favor de Tancredo Neves. Aqui mais uma lição para nós, jovens políticos: a grandeza da humildade e que o interesse da Nação deve sempre se sobrepor às nossas vaidades.

E, ainda, com a morte de Tancredo, como Presidente da Câmara, empossou José Sarney, porque uma Nação livre e democrática se constrói com respeito à lei e à Constituição.

Ulysses sempre ensinou que se deve acreditar na força do ideal para derrotar o poder da força. A forçados ideais de Ulysses foi tão marcante que nem as baionetas conseguiram intimidá-lo. Ao contrário. Uma vez, na Bahia, as forças do regime tentaram-lhe cortar o caminho. Com a responsabilidade de liderar a luta pela democracia e perante Deus e a consciência da Nação, entendeu como necessária uma atitude para salvar esta democracia. Levantou a voz e disse: "Respeitem o Presidente da Oposição." E respeitaram-no, dando-lhe passagem.

Na defesa da democracia sustentou a tese de Lincoln de que o voto é a arma mais importante do cidadão.

Nas questões institucionais, a supremacia do homem sobre o Estado, ensinando: "A injustiça contra um é a ameaça contra todos".

Fez do parlamento mais do que a extensão de sua casa, mas a razão de sua existência, campo de batalha das idéias. Ninguém como Ulysses encarnou a dignidade de ter o principal título do político: o de ser representante do povo. Afinal, que honra maior pode existir ao homem público do que possuir a procuração legitimada das urnas de representar o povo no Parlamento?

E para aqueles que, como nós, perseguem esta dignidade nada mais sublime do que espelhar-se em Ulysses Guimarães, que sempre soube lutar o bom combate contra a injustiça e o autoritarismo. Nesta luta ninguém foi mais hábil no manejo de duas armas que esgrimiram constantemente e sem tréguas os donos do poder: a garra e a palavra.

Durante um mandato de deputado estadual em São Paulo, e outros 10 como membro da Câmara dos Deputados, foi no Parlamento que Ulysses começou a demonstrar, ainda em seu primeiro mandato, em 1947, ser um homem à frente de seu tempo. Prescindindo na Assembléia Paulista a Comissão de Assuntos Municipais, apresentou propostas para ajudar as finanças dos municípios e para viabilizar a construção de ginásios e escolas profissionalizantes. Também sempre manteve, no papel de legislador, a defesa do Federalismo com argumentos que servem para a nossa realidade e que assim se resumia:

"A Federação é a unidade na desigualdade, é a coesão pela autonomia das províncias, comprimidas pelo centralismo.

Há o perigo de serem empurradas para a secessão. Enquanto houver Norte e Nordeste fracos, não haverá na União Estado forte, pois fraco será o Brasil".

Sr. Presidente, Srs. Deputados. Em seus quarenta e cinco anos de Parlamento, Ulysses foi intransigente com a preocupação diante das desigualdades econômicas e sociais que na sua visão poderiam - e ainda podem! - colocar em risco a unidade nacional. Por isso afirmava: "Quando as elites políticas pensam apenas na sobrevivência do poder oligárquico, colocam em risco a soberania nacional.

A governabilidade está no social. A fome, a miséria, a ignorância, a doença inassistida são ingovernáveis. O estado de direito, consectário da igualdade, não pode conviver com o estado de miséria. Mais miserável do que os miseráveis é a sociedade que não acaba com a miséria."

É preciso dizer mais? Não. Certamente, não é necessário! Ulysses Guimarães foi mais do que um membro do Parlamento. Como brilhantemente observou o Senador Simon, mesmo em vida ele foi o símbolo do Congresso Nacional.

Coube ao Dr. Ulysses ter outro lugar de destaque em nossa História, prescindindo de forma irrepreensível a Assembléia Nacional Constituinte, permitindo a representatividade de todos os setores da sociedade. Em outubro de 1988, Ulysses Guimarães promulgou a Constituinte que ele mesmo batizou, com rara felicidade, de "Constituinte Cidadã" e que permitiu o reencontro de seu povo com as liberdades individuais e a democracia. Se é bem verdade que hoje a Carta precisa de algumas correções, é inegável que se trata da Lei Maior mais democrática e que na sua elaboração teve a participação dos representantes dos cidadãos brasileiros. Talvez não se concorde com este ou aquele dispositivo, mas, inegavelmente, ninguém pode reclamar não ter sido ouvido na elaboração da Constituição, tendo, portanto, o caráter mais democrático possível, graças à condução do Dr. Ulysses.

Enganam-se porém, aqueles que o imaginam apenas no Legislativo. A pregação de Ulysses extrapolou da tribuna parlamentar para as estradas, praças e os mais recônditos caminhos na imensidão do Brasil.

Tomemos o Rio Grande do Sul.

Novamente mencionando o Senador Pedro Simon, quando o homenageava no Senado, perguntava se havia, em nossa História, um brasileiro que tivesse visitado o Estado mais vezes do que Ulysses Guimarães.

Não há, na história do Brasil, nenhum homem público, não tendo ocupado cargo no Executivo, que tenha percorrido o Brasil tantas vezes como ele. Aqui, portanto, os segredos de sua onipresença e da sua sensibilidade em conhecer e saber avaliar, com precisão, os problemas de nosso País.

E como o melhor dos estrategistas, Dr. Ulysses soube fazer frente às forças que se opunham à democracia com a organização partidária. Sem jamais esmorecer. Que o digam os emedebistas - e também os peemedebistas - que recebiam a visita e o incentivo do líder do partido, nas horas amargas e difíceis, quando alguns começavam a fraquejar diante da pressão dos poderosos de então. Foi assim que ele enfrentou o movimento de autodissolução do MDB, um partido mutilado por cassações. Ele enfrentou estas pressões com sua presença, e como costumava dizer: "É preciso continuar!"

A história da resistência democrática no Rio Grande do Sul em muito se confunde com Ulysses Guimarães, porque teve participação ativa para que o então MDB, liderado por Pedro Simon, se tornasse um modelo para as demais unidades da Federação.

Por tudo isso e muito mais, Sr. Presidente Srs. Deputados, é que devemos ter, em Ulysses Guimarães, um homem público a ser reverenciado. Temos o dever de recordá-lo, diuturnamente, e de adotar seus ensinamentos e a perseverança de sua vida se quisermos ter não apenas o reconhecimento público, mas a consciência tranqüila e a paz de espírito.

Se Ulysses Guimarães mereceu reprovação nas urnas, certamente não foi por restrições à sua vida e à sua obra. Prefiro acreditar que tenha sido uma série de injunções políticas equivocadas de meu próprio partido e também do povo, cujo julgamento político nem sempre representa um justo veredito.

Mesmo assim, este episódio só faz crescer a admiração por sua postura democrática. Ele não se recolheu ao ostracismo nem saiu a criticar companheiros ou eleitores. Deu-nos mais uma lição de humildade, aceitando o julgamento daqueles a quem os políticos devem servir, aos cidadãos brasileiros.

Gostaria, finalmente, de me dirigir à irmã do Dr. Ulysses, Senhora Maria José Guimarães Passini e a seu marido, Dr. Geraldo Passini, e ainda ao seu Secretário Osvaldo Manicardi. Se podemos dizer algo que possa, mesmo remotamente, servir de consolo à família, é que tenham a certeza de que o Rio Grande do Sul também sente a falta de Ulysses Guimarães.

Falta-nos a sua sabedoria e o seu incentivo, a sua retidão e o seu caráter. A vida e a obra do Dr. Ulysses permanecem, como um norte para aqueles que querem um Brasil digno e justo.

Aos grandes homens, as grandes causas.

Esse foi o destino do Dr. Ulysses. Ele soube ser o condutor da rica história da redemocratização do País.

Se não pudemos dar-lhe um adeus à altura que o grande estadista merecia, foi porque, como escreveu com rara felicidade nosso consagrado cronista Paulo Sant'Ana, Dr. Ulysses não morreu.

Foi levado pelas sereias.

Ficou para nós o desafio final: o desafio de dar continuidade à sua obra, de acabar com as injustiças e as desigualdades. Assim, minha geração terá resposta às suas inquietações.

Deputado Estadual Alexandre Postal

Pronunciamento do deputado Alexandre Postal, PMDB, no Grande Expediente Especial da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul em homenagem a Ulysses Guimarães, em 10 de Outubro de 1995.